



Sábado

21-03-2019

Periodicidade: Semanal
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 116250

Temática: Sociedade
Dimensão: 1817 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 30 a 32

ENTREVISTA

É um futurista assumidamente crítico da ideia de que a tecnologia resolverá todos os nossos problemas – também os cria, ao eliminar empregos ou ao influenciar eleições. E não diz “nunca”, mas duvida que os carros voadores se tornem realidade. Por Sara Capelo

MICHELL ZAPPA

“Em 20, 30 anos, a carne de laboratório será majoritária”

Michell Zappa atendeu o telemóvel quando estava a trabalhar num café de São Paulo, cidade brasileira onde cresceu. Escritório? “Não tenho um há mais de uma década”, nem quando era funcionário de uma empresa. Agora tem a sua, a Envisioning, que recolhe dados sobre todas as tecnologias e as apresenta a governos de países como Suíça e Emirados Árabes Unidos. Dá palestras em todo o mundo e virá a Portugal este ano para participar na Singularity University, um novo programa da NovaSBE, Câmara de Cascais e Beta-i sobre inovação.

Como futurista, é muito otimista quanto ao futuro. Ou não?

Tenho uma visão crítica. Uma das críticas que tenho sobre modelos de singularitário [nome que se dá aos alunos da Singularity University], apesar de estar associado a eles, é o seu otimismo cego quanto à ideia de a tecnologia nos salvar a todos, de

F “O carro voador tem pouco ‘pé no chão’. A aposta de Musk são os túneis – soterrar, em vez de voar”



A promessa

Deposita esperança nas energias limpas: quando se tem produção de energia quase de graça, pode transformar a água salgada em água potável

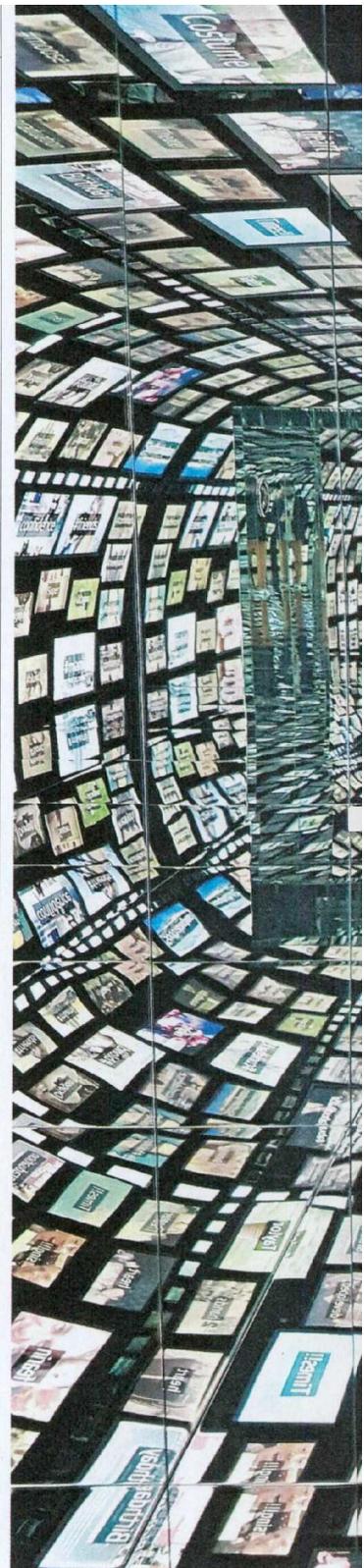
resolver todos os nossos problemas. Historicamente não tem sido assim e não há evidências de que venha a ser. A tecnologia é uma forma de resolver problemas, mas não é a única. Incomoda-me essa mentalidade de que, se a gente aplicar mais tecnologias ao problema, ele se resolverá. A tecnologia cria vários problemas.

No emprego?

Por exemplo. Se for mal aplicada, elimina mais emprego do que cria. Mas é falso que a tecnologia tenha consequências inesperadas, difícil é antecipar quais. O elevador vertical trouxe a urbanização (não teríamos prédios de 20 andares sem eles), o plástico a poluição global, e o automóvel o isolamento urbano. As redes sociais afetam eleições.

É isso que discutem na Singularity University?

Abordam-se essas questões, mas não o suficiente. Há pessoas dedicadas só a falar de malefícios, que são



Sábado

21-03-2019

Periodicidade: Semanal
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 116250

Temática: Sociedade²
Dimensão: 1817 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 30 a 32



os filósofos e teóricos que mais admiro: o Evgeny Morozov, que escreveu um livro (adoro!) chamado *To Save Everything, Click Here*. Ele chama solucionismo à ideia de que a tecnologia resolve qualquer coisa. Eu encontro-me no meio do caminho: não sou bem o filósofo do Leste Europeu que acha que tudo é ruim e o futuro está comprometido. Vejo o lado positivo, mas conforme vou amadurecendo, vou percebendo o quanto é necessário esse equilíbrio.

Na Envisioning acompanham o desenvolvimento de tecnologias?

Exatamente. Diz-se que a velocidade da transformação é cada vez maior. Isso é um cliché. Na Envisioning estamos a criar um mecanismo de avaliação que mede a tecnologia em tempo real, para poder determinar a velocidade de transformação e comparar com a de há 10 anos.

Há a ideia de que a aplicação tecnológica é muito mais rápida do que há 10, 20 ou 30 anos.

Sim e não. A percepção é essa. Não temos uma avaliação quantitativa porque isso nunca foi feito. Há mais pessoas a falar disso agora, então temos a impressão – talvez psicológica – de que existem mais coisas a acontecer, mas isso é dito há décadas, senão mais. Os primeiros pensadores a que se chamaram futuristas, Alvin Toffler e a esposa, Adelaide, deram o nome a um sentimento que é o *future shock* (o choque do futuro). O paralelo que eles traçam é que, quando viajamos para uma cultura muito diferente – de Tóquio para Kampala [Uganda] – sentimos um choque cultural porque não conhecemos as normas, a linguagem, as subtilezas e ficamos em estado de choque durante 1, 2, 10 dias, até normalizarmos. Esse choque também acontece sem sair de casa: o futuro está a acontecer tão rápido que nos sentimos desorientados. Só que ele falou isso em 1970, quando as tecnologias de ponta eram a calculadora de bolso e o *mainframe* [computador de grande porte]. Agora não é tanto a velocidade, mas a quantidade: a tecnologia em si não está a andar mais rápido, tem é mais tecno-

Sábado

21-03-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Sociedade

Dimensão: 1817 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 30 a 32

logias a afetar-nos. São centenas, talvez milhares. Envolve energia, biotecnologia, materiais, transporte, governação, telecomunicação.

No Japão fala-se em carros voadores. Alguma dia teremos um?

O carro voador tem pouco "pé no chão", de ver o que é prático. Eu não sou fã do Elon Musk [CEO da fabricante de automóveis Tesla e da SpaceX, empresa de sistemas aeroespaciais], porém, ele entende muito de foguetes e de automóveis e diz que isso não acontecerá por causa do barulho e da segurança. Os motores que fazem qualquer coisa elevar ou voar são extremamente barulhentos e, conseqüentemente, exigem uma grande altura. E deixam de ser um carro, são helicópteros. Na segurança, não é à toa que os pilotos recebem horas de treino; a partir do momento que há um objeto de uma tonelada a sobrevoar a cidade, é preciso um sistema de segurança gigantesco. É muito difícil dar certo. [Mas] nunca diga nunca. A aposta dele são túneis: não vamos voar, vamos soterrar.

Tem-se debatido que as vacas são prejudiciais para o planeta. E têm surgido ideias de produzir carne em laboratório. Estes projetos estão mais próximos do presente?

Absolutamente. Já provei as substituições de carne, que são feitas à base de plantas através de altas tecnologias. São vegetais que foram manipulados ao ponto de parecerem hambúrgueres.

E enganam?

Se fosse um bife, seria mais difícil, por causa da textura. Para carne moída, engana o meu paladar a 100%. Eu não como carne há cinco anos, mas comi com muito prazer. A carne sintética, produzida em laboratório, ainda é caríssima por quilo, mas o preço está a reduzir. Em 20, 30 anos, ela será maioritária.

É consultor de governos. O que procuram na Envisioning?

Predominantemente, economia e empregabilidade, defesa – fornecemos pesquisa para órgãos de Defesa na Suíça sobre saúde, energia,



Zappa nasceu em Estocolmo e cresceu em São Paulo. Já viveu em cinco países e trabalhou em mais de 30

infraestruturas. Não é sobre armas e munições. Com outros governos acaba por ser semelhante: como é que a tecnologia vai afetar a economia a longo prazo e como vai afetar a criação de competências a curto prazo? Estamos a trabalhar com os Emirados Árabes Unidos há dois anos, num programa de pesquisa e treino. Fornecemos pesquisa em assuntos como educação, saúde, mobilidade, logística [em 2017]. E no ano passado sobre agricultura e geoengenharia, cidadania digital.

Na lista de livros que mais o impressionaram está o Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa. Que marca lhe ficou?

Pergunta difícil. Leio menos sobre tecnologia. Pessoa e a literatura em geral trazem-me a perspetiva como ser humano, da vivência de uma pessoa sensível para o dia a dia.

O Michell diz que se deve valorizar mais a conexão do que a fragmentação. E Pessoa era um ser fragmentado, com heterónimos. Com várias identidades.

As pessoas hoje fragmentam-se, são ao mesmo tempo a personagem do Instagram que tira boas fotos na praia e a pessoa real, com uma vida chatinha.

Gostei da comparação dos *influencers* com a fragmentação do génio de Pessoa. O problema das redes sociais é que só relevam os pontos de alto interesse. O que está a ver nos outros é o resumo do que têm de melhor, enquanto quando é com você, você tem 24 horas de dia para preencher. Tem de conviver com o pagamento de contas, o trânsito e a chuva. E isso fragiliza o seu ego, sente-se inferior. A gente fala de Pessoa como alguém que tem uma fragmentação interna, mas coletivamente estamos a passar por uma fragmentação gigantesca: vemos nas eleições e no Brexit o quanto nos vamos distanciando dos outros, porque vamos perdendo o espaço comum, criando animosidade ao vermos no outro algo que a gente não vê [nas nossas vidas].

Fechamos então a entrevista com o lado menos bom da tecnologia.

É um espaço que eu estou a tentar explorar. Ao nível pessoal tenho um projeto sobre a dinâmica das conexões: o que é que a tecnologia está a fazer com a gente ao nível pessoal. Tem um lado positivo gigantesco: nós conversando a 10 mil km, como se não houvesse distância entre nós, e conseguir fazer trabalho à distância. Mas também tem outros lados que são mais difíceis de observar.

Como o amor. Com a tecnologia ama-se de modo diferente e pior?

Evito rotular, porque é transformação. Encerrei um relacionamento longo há quase um ano e nunca tinha sido exposto às aplicações de relacionamentos. Tenho tido uma superexposição. Tem-se uma facilidade gigantesca de conhecer pessoas de fora do seu círculo social, o que há algumas gerações era muito mais difícil. Mas essa virtualização dos relacionamentos também trouxe outro lado, que é um açougue [um talho]: você opina "gosto, não gosto", ela "gosta, não gosta". É muito maluco. Acho fascinante poder vivenciar isso. 📌



A desilusão

"Há dois ou três anos" as redes sociais eram "algo positivo", diz. Depois soube-se a influência que o Facebook ou o WhatsApp tiveram nas eleições